



## **Antes Servo na Terra do que Rei no mundo dos mortos: algumas notas sobre Aquiles e a morte a partir do livro XI da Odisséia.**

Elian Jerônimo de Castro Júnior<sup>1</sup>

Keidy Narely Costa Matias<sup>2</sup>

Submetido em Junho/2014

Aceito em Junho/2014

### **RESUMO:**

O presente artigo traz alguns apontamentos acerca da relação entre Aquiles e a morte a partir do Livro XI da Odisseia. Através do referido livro, propomos demarcar as modificações acerca da concepção do herói sobre a morte, enunciadas, sobretudo, pelo seu diálogo com Odisseu – quando o saudosismo aparece em uma dimensão central do pensamento.

**Palavras-chave:** Aquiles, narrativa homérica, post-mortem.

### **ABSTRACT:**

This paper intends to present some appointments about the relation between Achilles and death from the Book XI of the Odyssey. Through this book we will point the changes of hero's conception of death, emphasized by his dialog with Odiseus – when the nostalgia appears as a center dimension of Achilles' thought.

**Keywords:** Achilles, Homeric narrative, postmortem (the).

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil; MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga da UFRN.

<sup>2</sup> Estudante colaboradora do Departamento de Filosofia/Cátedra UNESCO-Archai da UnB e do MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga da UFRN; Mestranda em História e Espaços pela UFRN.



## APONTAMENTOS INICIAIS

O nosso olhar é poético; o desconhecido nos causa estranhamento; o homem tem medo do que não conhece, do impalpável. Devemos olhar para o passado com distanciamento e, ao mesmo tempo, com a consciência de que o medo nos é inerente através de sua atemporalidade. Dessa forma, distanciar-se e, ao mesmo tempo, reconhecer as proximidades que temos com os homens do passado são condições fundamentais para que reflexões se façam possíveis. Nesse sentido, utilizaremos a narrativa homérica para demarcar que a preocupação do homem com o *post-mortem* é tão antiga quanto ele próprio.

Ao desejar escapar do anacronismo psicológico que consistiria em achar que as pessoas do passado pensavam e sentiam exatamente como nós, surge o perigo de ir ao extremo oposto, transformando as épocas passadas em algo tão pouco familiar que se torne ininteligível (CARDOSO, 2000, p. 15).

Este texto se propõe a fazer uma reflexão acerca da condição de morte a partir da experiência de Aquiles no Hades. Dessa forma, a preocupação do homem com a morte será refletida a partir de um contexto histórico demarcado pela narrativa homérica.

A *Iliada* e a *Odisseia* são duas das narrativas mais antigas testemunhadas pelo homem. São atribuídas ao poeta Homero, todavia, dispomos de pouquíssimas informações acerca do mesmo.

Qualquer tentativa de traçar sequer um esboço de uma biografia de Homero não poderia passar de um exercício especulativo. Existem, de fato, muitas histórias sobre sua vida, todas, porém, de caráter lendário. É discussão corrente entre os historiadores e estudiosos do mundo antigo em geral, se sob a denominação de Homero se escondem um, dois ou uma multidão de poetas-cantores (aedos).

[...] Tarefa bem mais realística e exequível, no entanto, é destacar a importância de sua obra. Homero é alcunhado por muitos de “o mestre de todos os gregos”, e não é preciso muito para estender sua influência para além dos limites da Hélade até a Contemporaneidade (GONTIJO; LUCERO; RIBEIRO, 2008, s/n).

As obras foram escritas por volta do final do século IX a.C e início do século VIII a.C. e versam sobre supostos eventos do século XII a.C., ou seja, trata-se da concepção que o autor, no século VIII a.C., tinha de eventos do século XII a.C. Destarte, é inequívoco o papel de proeminência da narrativa homérica para se pensar o



herói grego. Se o poeta tem na natureza lendária um aspecto de sua gênese, as informações que nos lega são classificadas de maneira oposta – a narrativa nos oferece excertos lendários que nos habilita a refletir acerca de questões inerentemente reais, ainda que abstratas, e é nesse contexto que *propomos discutir a relação de Aquiles com a morte a partir do Livro XI da Odisseia*.

Nossa escolha por Aquiles como personagem central se insere, sobremaneira, no que diz respeito ao processo de transformação ocorrido em suas aparições nas duas narrativas. Na “Ilíada” o herói aparece como figura colérica, obstinada pela glória imorredoura; na “Odisseia” é tomado pela angústia, quando de sua existência no Hades.

### **A GLÓRIA IMORREDOURA E O ESPAÇO DO HADES**

A *glória imorredoura* era o ideal a ser atingido pelo herói grego, sendo considerada uma pré-condição no tocante à construção e representação de sua imagem vindoura. A figura de Aquiles, tanto na Ilíada quanto na Odisseia, oferece-nos elementos importantes no contexto da discussão acerca da concepção de morte entre aqueles que viriam a formar a Grécia. Aquiles foi colocado diante de dois destinos diametralmente opostos e, portanto, teve de escolher um: por um lado, tinha a opção por uma vida pacata que bem podia conduzi-lo à velhice e, por outro lado, havia a possibilidade de uma vida breve que, ao ser cessada de forma gloriosa em um campo de batalha, conferiria ao herói a condição de transformar-se em eterno.

É importante demarcar que pior do que o Hades era não estar no Hades, dado que isso representava vagar como um fantasma eternamente; é nesse ponto que os ritos fúnebres se faziam para além de necessários a uma despedida – eram indispensáveis no rompimento com a vida terrena e demarcavam o início de uma “nova” existência ou, em outras palavras, da continuação de uma existência a partir de uma fase de rompimento. O Hades, portanto, era um espaço singular e extremamente necessário, dado que o morto sem os ritos fúnebres

[ficava] errando sem fim entre o mundo dos vivos e o dos mortos: não [pertencia] mais ao primeiro; não [tinha sido] ainda relegado ao segundo. Por isso, o seu espectro [encobria] uma perigosa força que se [manifestava] por crueldades em relação aos vivos (VERNANT, 1990, p. 385).



O homem precisa se orientar no espaço, e o Hades enquanto espaço se constituía como sendo a segurança do morto; era a prova de que não iria vagar eternamente. Não estar no Hades era propriamente não ter um *lugar*. Por outro lado, não era um espaço agradável: estar no Hades era uma condição própria dos mortos. Esse espaço fez com que Aquiles mudasse sua posição frente à morte no intervalo entre as duas narrativas dado que, em vida decidiu combater mesmo sabendo que seu destino seria a morte, todavia, no Hades, mostrou-se arrependido de tal decisão; o espaço dos mortos e a própria concepção da morte *per se* produziram em Aquiles certa angústia e dubiedade quanto ao almejado ideal da glória imorredoura.

### A CONDIÇÃO SOCIAL DO *SER HERÓI*

É inequívoco o fato de Aquiles ter alcançado a eternidade, a glória imorredoura; milênios se passaram e continuamos pronunciando o seu nome – e enunciar é tornar existente –, estudando acerca dos seus feitos, de suas formas de se conceber no mundo e de idear o próprio mundo como tal. Homero immortalizou o herói grego e nós o glorificamos na medida em que não o deixamos cair no tão terrível e *letal* esquecimento. A existência é uma condição do ser heroico; ser herói é existir,

esteja-se vivo ou morto — ser reconhecido, estimado, honrado; é sobretudo ser glorificado: ser objeto de uma palavra de louvor, de uma narrativa que conta, sob a forma de uma gesta, retomada e repetida sem cessar, um destino por todos admirado. Neste sentido, pela glória que ele soube conquistar devotando sua vida ao combate, o herói inscreve na memória coletiva do grupo sua realidade de sujeito individual, exprimindo-se numa biografia que a morte concluiu e tornou inalterável (VERNANT, 1993, p. 41).

Os heróis estavam envoltos em uma sociedade que

[tinha] como principal ideal a conquista da *kléos*, da glória, que os [tornaria] imortais. Portanto, tais guerreiros não temiam a morte. Para eles, uma morte em combate era muito mais honrosa do que uma morte na velhice. O conceito de “bela morte” muito trabalhado por Vernant, está relacionado, desta forma, a uma morte na juventude, em que o guerreiro encontra-se no auge de sua força e beleza, e é digna – a morte – de ser rememorada, de permanecer na memória coletiva do povo (VIEGAS, 2008, p. 18-19).



A existência de uma *bela morte*, como postula Vernant (1979), pressupõe a existência de uma *morte desprovida de beleza*; a bela morte exige coragem e virtude (*areté*), características diretamente relacionadas à figura do herói. Aquiles é caracterizado pela cólera e pelo orgulho, *e.g.*, quando é afrontado por Agamêmnon por conta da escrava Bríseis. Nesse episódio, Aquiles sentiu-se ofendido por ter sido contrariado – o fato de ter perdido sua escrava para Agamêmnon foi legado a uma escala secundária<sup>3</sup>. Destarte, podemos dispor os eventos que conduziram Heitor à morte: o troiano ofendeu Aquiles quando matou Pátroclo em batalha<sup>4</sup>. Além de ter cessado a vida de Pátroclo, Heitor roubou as armas de Aquiles. Portanto, a aflição de Aquiles foi gerada também pela desonra outrora sofrida – e não somente pela morte do amigo em si, embora, evidentemente, a dor tenha tido um papel fundamental.

Qualquer ofensa à sua dignidade (a de Aquiles) provoca um efeito pendular de um extremo a outro porque é atingido através dele um valor que é preciso aceitar sem reservas, sem comparação, sob pena de depreciá-lo por inteiro. Ofender Aquiles equivale a colocar no mesmo plano o covarde e o valoroso, conferi-lhes, como ele diz, mesma *timé*. Negar ao feito heróico sua função de critério absoluto é, pois, não ver nele a pedra de toque daquilo que um homem vale ou não (VERNANT, 1978, p. 36).

Na “Ilíada” Aquiles se colocava no mesmo patamar daquele dos deuses; na Odisseia tornou-se rei entre os mortos. Ao se colocar no mesmo patamar dos deuses, os gregos foram convencidos de que os troianos venceriam a guerra caso Aquiles dela não participasse, *i.e.*, era preciso abrandar a ira do herói fazendo com que o mesmo saísse do estado de *hýbris*.

Para Aquiles, qualquer ofensa, venha ela de onde vier, é igualmente insuportável e inexpiável, por alta que seja a posição que eleva o seu autor acima de si mesmo na hierarquia social; toda desculpa, todo reconhecimento público de culpa, por satisfatória que possa parecer a seu amor próprio pela extensão e pelo caráter público da reparação, permanece vã e ineficaz (VERNANT, 1978, p. 33).

Através de uma reflexão sobre Aquiles, podemos tanto perceber distintivos individuais do *ser* herói – ligados à sua personalidade corajosa e colérica – quanto características coletivas do pensar o herói na sociedade grega. Todavia, vale destacar

---

<sup>3</sup> Cf. Il. IX.

<sup>4</sup> Pátroclo morreu em uma batalha que objetivava expulsar os troianos do território já conquistado pelos argivos. Portanto, o amigo de Aquiles morreu em batalha, e deveria receber as honrarias advindas dos ritos fúnebres. De acordo com Burkert (1993, 376), citando a Ilíada (23. 166-76), “na pira fúnebre de Pátroclo, Aquiles abate ovelhas e bois, 4 cavalos, 9 cães, e 12 troianos capturados”. Cf. Il., Canto XVI.



que existem mudanças significativas acerca da concepção do herói com o passar dos séculos, dado que

o que antes contava para o herói homérico como a glória das façanhas individuais aonde o valor militar se afirmava sob a forma da *aristeia*, de uma superioridade pessoal, não tem mais valor para o soldado da falange. Pelo contrário, é recusado por ele. Vernant diz que o hoplita é o homem do combate ombro a ombro, treinado para manter sua posição, marchar em ordem, cuidar para que a coesão da fileira não seja comprometida. (GODOY, 2012, p. 10)

Ser herói na narrativa homérica pressupunha ter uma individualidade bem demarcada, por outro lado, o herói tinha de ser reconhecido como tal pela coletividade, tal como aponta Vernant (1978). Uma das características do herói era “a virtude guerreira (...) feita de *sophrosýne*: um domínio completo de si, um constante controle para submeter-se a disciplina comum” (VERNANT, 2000, 50-51 *apud* GODOY, 2010, 10); antagonicamente, tinha-se na *hýbris* o descomedimento. Ser herói pressupunha dominar a si próprio, por outro lado, a juventude aparecia na narrativa homérica como a idade da impulsividade, enquanto que a velhice trazia consigo a sabedoria.

Nesse sentido, podemos tecer uma exemplificação do que fora dito a partir de uma recordação do episódio entre Aquiles e Príamo<sup>5</sup>, quando da morte de Heitor<sup>6</sup>; para que o corpo do herói troiano não ficasse vagando como um fantasma, Príamo pediu para que Aquiles o deixasse velar o filho, desejo esse que fora atendido pelo grego. Nesse sentido, podemos apontar ainda a importância que o corpo possuía naquela sociedade, à medida que a posse do mesmo, ainda que sem vida, se colocava como fator de primeira grandeza, dado que isso representava a possibilidade de atuar na posterior existência do morto; deter o corpo era também deter poder.

## O HERÓI MORTO NO ESPAÇO DO HADES E O LIVRO XI DA ODISSEIA

Mais feliz do que tu, Aquiles, nenhum homem foi no passado nem será no futuro; outrora, quando vivias, nós, os argivos, te honrávamos tanto quanto aos deuses e agora, que te encontras aqui, exerces grande autoridade sobre os mortos; por isso, Aquiles, não te pese de estares morto (Od. XI. 136).

---

<sup>5</sup> Cf. II., XXIV

<sup>6</sup> Cf. II., XXII



Ira, cólera, necessidade de combater e de se enaltecer perante os outros eram características da personalidade de Aquiles; essas características são aventadas, mormente, por Vernant (1978). Esses traços trazem consigo uma carga simbólica que nos permite pensar no Hades como um espaço envolto de sensibilidades.

Em domínio terreno, Aquiles combateu contra Heitor: temos na figura dos dois heróis a representação de uma disputa entre gregos e troianos; os heróis foram colocados como microcosmos das sociedades que representavam. Todavia, a figura de Aquiles se mostrou como extremamente individualista, enquanto que a de Heitor tinha na dimensão coletiva do considerar-se eminentemente troiano um traço típico *sine qua non*.

Todavia, o espaço do Hades deixou de permitir a individualidade e o reconhecimento de outrora: estar no Hades significava perder a identidade individual – um dos elementos demarcadores que salientavam a diferença entre estar vivo ou morto. Nesse sentido, a personalidade heroica deixou de ser sustentada por Aquiles.

Como se os mortos — ou ao menos aqueles que não foram revitalizados pelo sangue dos animais sacrificados por Ulisses — fossem incapazes de reconhecer ou de se lembrar do que quer que seja, estando portanto privados não só de sua própria identidade, mas de uma consciência qualquer do mundo e da existência. Mas, mais do que isto, eles são apenas *eidola*, “imagens” ou “simulacros”, dos mortais vivos que eles um dia foram. (ASSUNÇÃO, 2003, p. 108-109).

Não há consolo que convenha para o herói aqueu se convencer de sua condição no submundo. Podemos pensar que a característica mais impetuosa de sua personalidade – o ser heroico – perdeu-se quando de sua morte, ainda que essa tenha sido acompanhada pela glória de um herói. O antagonismo de sua fala, ao preferir ser um servo da gleba a um rei no mundo dos mortos, mostra-nos que a condição de morto, bem como o Hades enquanto espaço, foi decisiva para que o herói preferisse uma vida terrena; fez com que Aquiles desejasse fazer o caminho inverso, deixando de ser herói para se tornar um homem comum, ainda que em um estatuto social muito baixo. Se o corpo tinha uma função identitária e religiosa marcante, a imaterialidade – ao menos em termos individuais – do espaço do Hades também foi propulsora de dada falta de reconhecimento desse espaço e, por isso, de aceitação da morte.

Nessa sociedade de guerreiros, importa que cada um ofereça proteção e cuidado ao seu parceiro, isto é, preze por sua integridade física, por



seu corpo, que, como é próprio de um guerreiro, deve ser belo e forte, modelo dos *áristoi*, dos *kaloì kai agathoí*, dos homens ideais. Por isso, os “*aqueus de longas cabeleiras, de fortes espáduas, semelhantes aos deuses*” estão representados em vários trechos, senão perpassando toda a obra de Homero. Ao natural, é a beleza do corpo do herói que o distingue dos demais homens comuns (VIEGAS, 2008, p. 17-18).

Ora, sendo o Hades um espaço envolto de sensibilidades, constituía-se como um ambiente de extrema angústia para um herói como Aquiles – dado que o desprovia de *toque* e de *tato* (ASSUNÇÃO, 2003). O seu corpo, antes de tudo, o distinguia socialmente; dava-lhe essência e indicava a sua existência. O ideal estético e corporal grego foi confrontado por essa imaterialidade e ausência de um corpo vivo e viril. Logo, ser relegado ao Hades foi algo de encontro à personalidade de Aquiles quando em vida, pois o herói, de certa forma, teve seus traços típicos atingidos e desfigurados; se Heitor teve seu corpo desfigurado, em Aquiles o ultraje se deu na sua própria essência.

A incapacidade de perceber ou pensar, juntamente com a incapacidade de tocar ou ser tocado, retira aos mortos o que poderíamos chamar — sem nenhuma pretensão de formular uma teoria homérica do conhecimento — de fundamentos mínimos de realidade. É como se a ausência de consciência ou de sentido tátil subtraísse a própria existência — ou ao menos aquilo que nós vivos reconhecemos como tal — aos mortos. Ora, a ausência destes fundamentos [...] será, em uma última instância que é sem dúvida afirmativa, considerada como um mal pior do que a pior das formas de existência em que eles ainda estejam conservados (ASSUNÇÃO, 2003, p. 108).

Estar vivo pressupõe dinamicidade, trata-se do *homem* em movimento; o morto é um *corpo* e, por isso, estático. Mesmo o espaço do Hades tendo o que aqui entendemos como *pequenas dinamicidades* – na forma de diálogos entre os mortos, por exemplo, quando da descida de Odisseu ao Hades<sup>7</sup>, o fato de estar morto é *per se* uma falta de ação. O herói morto era reconhecido pelos seus pares no âmbito social, ou seja, fazia parte da sociedade, mas o diálogo entre Aquiles e Odisseu<sup>8</sup> nos mostra que essa condição de morto, embora advinda de uma bela morte que, de certa forma, o conduziu à eternidade, não agradava a Aquiles.

Mais feliz do que tu, Aquiles, nenhum homem foi no passado nem será no futuro; outrora, quando vivias, nós, os argivos, te honrávamos tanto quanto aos deuses e agora, que te encontras aqui, exerces grande autoridade sobre os mortos; por isso, Aquiles, não te pese de estares morto (Od. XI. 136).

---

<sup>7</sup> Cf. Od. XI.

<sup>8</sup> Cf. Od. XI





O movimento de descida ao Hades impetrado por Odisseu pressupôs uma ideia de movimento própria do *estar vivo*; Odisseu, para além de ser um herói, movimentava-se, era agente no sentido de atingir o firme objetivo de retornar à sua casa, em Ítaca. Em outras palavras, tanto teve os feitos de um herói guardados para si quanto a possibilidade de estender sua vida. Aquiles, por outro lado, renegou completamente a condição que tanto almejava: a de morto com glórias.

– Ah! não tentes consolar-me da morte, glorioso Odisseu; eu preferiria lavrar a terra a serviço de outrem, de um amo pobre, de subsistência minguada, a reinar sobre as sombras de todos os extintos (Od. XI. 137).

Percebamos que Aquiles, que outrora enaltecia a si próprio e recebia esse mesmo tratamento dos seus pares passou, então, a almejar qualquer posição, ainda que de sujeição. Escapar da posição de herói era percorrer o caminho inverso, na verdade, a referida *posição de sujeição* aparece na narrativa como uma representação metafórica da vida – o grande desejo de Aquiles.

O ideal de movimento, colocado aqui como uma condição do *estar vivo*, aparece na continuação do diálogo entre os dois heróis; Odisseu se porta como mensageiro, como aquele que interage com os mortos através do ato de dar notícias dos vivos – neste sentido foi que falou a Aquiles acerca de Neoptólemo, o filho do herói morto.

*Estar vivo*, portanto, é saber sobre os vivos; *ser morto* é não saber, não ter notícias. À medida que dependia de Odisseu para saber do que se passava acerca dos vivos, Aquiles demonstrou certa sujeição, pois não tinha mais qualquer domínio – nem o da notícia, da enunciação; por sua vez, Odisseu portou-se como um elo entre os vivos e os mortos através da enunciação de mensagens; como mensageiro ele deteve o poder da palavra, da informação, e isso o tornava ainda mais importante.

Odisseu demonstrou durante todo o tempo em que dialogou com Aquiles que muito o estimava, todavia, como passante do Hades, conversou com muitos outros mortos, de modo que a individualidade de Aquiles nesse sentido também se perdeu; Aquiles, apesar de herói, era *mais* um morto com quem Odisseu teceu diálogos, então foi posto em uma coletividade, essa mesma responsável por sobrepujar a sua antiga individualidade.



Por fim, interessante destacar que a experiência no espaço do Hades habita uma dimensão para além de concreta; essa experiência se faz com os sentidos e com a firme comparação entre duas condições – a de *estar* vivo e a de *ser* morto. Essa comparação era feita pelo próprio Aquiles que, através da percepção, denotou que sua existência enquanto morto fazia com que ele tratasse a vida com imenso saudosismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo apresentamos alguns elementos que compunham a visão de morte presente na personalidade de Aquiles no contexto da narrativa homérica. Encorajados pelo helenista Jean-Pierre Vernant, adepto da psicologia histórica, discutimos acerca da bela morte – que conferiu a Aquiles a glória imorredoura – e elencamos o seu contraponto, a falta de sentidos, de essência e do belo na condição de morto.

Apresentamos a necessidade de orientação no tempo e no espaço como uma condição humana. Posto isso, o Hades foi apresentado como um espaço que, se não tinha as melhores características, colocava-se como fundamental para que o morto não vagasse eternamente. Há certa beleza na morte heroica, mas não há beleza em estar morto; estar morto é propriamente não estar em lugar nenhum. Embora Aquiles ocupasse o espaço do Hades, este, por sua vez, não ocupava a mente do herói, dado que seu pensamento o remetia constantemente ao desejo de estar vivo, ainda que em uma posição social inferior.

Em suma, Aquiles quando em vida desejava a morte, desde que heroica. Depois de morto, o herói passou a desejar a vida, ainda que desprovida de beleza. Nesse sentido, destacamos ainda a inversão entre a *hýbris* e a *sophrosýne*, dado que, quando em vida o herói se portava como extremamente colérico, depois de morto passou a demonstrar mais paciência – algo típico dos mais velhos.

Podemos pensar que a vida, para um homem morto, jamais se portava como deplorável; a sociedade era pautada tanto pela glória de uns quanto pela sujeição de outros. O fato é que a condição de morto – e não a morte em si – era algo a ser evitado.



Nesse sentido, o Hades era um espaço amedrontador, espaço de sensibilidades que, de tão transcendente, situava-se no limiar das fronteiras do desconhecido.

Nesse sentido, admoestamos acerca do medo que habita a esfera do humano na sua relação com o ignoto; Aquiles precisava do palpável, do concreto, da coragem, da sua condição de vivo. A “Ilíada” e a “Odisseia” apresentaram uma completa inversão do pensar sobre a morte que, para além do imaginário do herói, pode ser transfigurada para o contexto daquela sociedade guerreira que, como posto, prezava pela vida.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Ulisses e Aquiles repensando a morte (Odisséia XI, 478-491). *Kriterion* vol.44, n.107, pp. 100-109, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v44n107/v44n107a08.pdf>> Acesso em: 16/02/2014.

BURKERT, Walter. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CARDOSO, Ciro F. S. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papyrus, 1997.

GODOY, Maria Elizabeth Bueno de. Rumor (Φήμη) Razão (Λόγος) em Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne: considerações sobre a tragédia ática. *Revista Angelus Novus*, nº 1, 2010.

HOMERO. *Iliada*. Trad. José Angeli. São Paulo: Scipione, 2003.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2006.

LIMA, Danielle dos Santos Pereira; MONTEIRO, Huarley Mateus do Vale. O trágico na Ilíada: o confronto entre Aquiles e Heitor. *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Revista Philologus*, Ano 19, N° 57 – Supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 798-804, 2013.

RIBEIRO, Lucas Mello Carvalho; LUCERO, Ariana; GONTIJO, Eduardo Dias (2008). O *ethos* homérico, a cultura da vergonha e a cultura da culpa. *Psyche*, São Paulo, v.



12, n. 22, 2008. Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382008000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 abr. 2014.

VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. Tradução, Elisa A.Kossovitch e João. A. Hansen. *Discurso*, São Paulo, Editora Ciências Humanas, n. 9, 31-62, 1978.

VERNANT, Jean-Pierre. *A morte nos olhos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIEGAS, Alessandra Serra. A importância do corpo na sociedade grega: na vida e na morte. *Nearco*, n° I, ano I, 13-26, 2008. Disponível em <<http://www.nea.uerj.br/nearco/arquivos/numero1/arquivo2.pdf>> Aceso em 16/02/2014.